Eventos culturais sob a perspectiva da Teoria do Enquadramento – Um estudo de reportagens das TVs Cultura e Liberal sobre a Festa da Chiquita[1]

Analielle de Araújo Silva[2]
Luiz Cláudio dos Anjos FERNANDES[3]
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

Resumo

Este trabalho aborda a Teoria dos Frames (Teoria do Enquadramento) e faz uma analise de como as TVs paraenses Liberal e Cultura enquadraram, nos três anos estudados, a Festa da Chiquita. Este evento ocorre no período do Círio de Nazaré e foi tombado como Patrimônio Cultural do Brasil em 2004. Apesar disso, a Festa da Chiquita, que reúne o público LGBT, ainda é pouco abordada pela mídia. Investigo, então, o tipo de abordagem dada ao evento, relacionando reportagens produzidas pelas emissoras citadas sobre o tema nos anos de 2006, 2010 e 2011, bem como modos de abordagens das reportagens. Aponto, ainda, enquadramentos jornalísticos do tema em dois momentos diferentes, realizando, assim, uma análise a partir da perspectiva da *Teoria dos Frames* ou *Teoria do Enquadramento.*

Palavras-chave: Teoria dos Frames; Mídia; Festa da Chiquita; Fenômenos culturais.

1 - Introdução

Este trabalho surgiu com o objetivo de analisar a abordagem jornalística feita pelos telejornais de duas emissoras de linhas editoriais diferentes em Belém - TV Liberal (comercial) e TV Cultura (pública) - sobre a Festa da Chiquita, como parte da programação cultural do Círio de Nazaré[4]. Relaciono reportagens produzidas sobre o tema nos anos de 2006, 2010 e 2011, pelas emissoras citadas, bem como seus modos de abordagem. Aponto enquadramentos jornalísticos do tema em dois momentos distintos, buscando fazer uma análise a partir da perspectiva da *Teoria dos Frames* ou *Teoria do Enquadramento.*

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Orientadora do trabalho. É professora do Instituto Federal do Pará - Campus Tucuruí, graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), especialista em Direito Educacional pela FTC-BA e especialista em Educação para Relações Etnicorraciais pelo IFPA. Email: ana_ifpa@hotmail.com.
[3] Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA) e especialista em Educação para Relações Etnicorraciais, pelo IFPA. Email: luizclaudio.jornalismo@gmail.com.
[4] Item abordado na página 14.

A pesquisa trata da articulação entre temporalidade e notícia, sob abordagens das teorias do enquadramento no campo do jornalismo. "A fábula dos três repórteres"[5], de Luiz Costa Pereira Junior, mostra que uma mesma notícia pode ser interpretada de várias formas em virtude de enfoques diferentes dados ao mesmo assunto. Este é um exemplo de diferentes formas de se "enquadrar" uma mesma realidade. O *framing* é, nesse caso, de acordo com a própria tradução do inglês para o português, a "teoria do enquadramento". Como parte do processo de análise das reportagens, foram aplicadas entrevistas com os editores-chefes de jornalismo das duas TVs: Tim Penner (TV Cultura) e Álvaro Borges (TV Liberal). Além disso, entrevistei jornalistas que estavam presentes na noite da Festa da Chiquita 2011, realizando a cobertura do evento. As entrevistas funcionaram como parâmetros auxiliadores no processo de análise das reportagens estudadas.

Estudar os diferentes contextos sociais nos quais os jornalistas estão inseridos foi fator determinante para o desenvolvimento da pesquisa, pois é sabido que a mídia gera a agenda da sociedade. Por meio de um enquadramento a mídia pode "ditar" ideias à sociedade que, consequentemente, pode passar a analisar a realidade informada por este material noticioso unicamente através desse "olhar". A partir disso, a pesquisa também aborda teorias de recepção, entre elas o *Priming*, e busca enfatizar as abordagens que contribuem para melhor entendimento dos processos de produção e processamento das notícias.

De acordo com Zanetti (2008), a palavra "*frame*" significa "moldura, quadro, estrutura". Como verbo traz a ideia de emoldurar, formular, enquadrar, estruturar e organizar a partir de pré-configurações. "*Framing*, nesse sentido, pode ser compreendido como 'enquadramento' (termo também usado na tradução da obra de McQuail para o português)" (ZANETTI, 2008). O *framing*, enquanto hipótese de pesquisa, trabalha com a perspectiva da construção da realidade social. Essa realidade "ocorre a partir da utilização de quadros de referência simbólica, aplicados tanto pelos produtores quanto pelos consumidores das mensagens da mídia".

Antunes (2009) toma o *framing* como dimensão empírica de análise que opera no campo da construção dos enquadramentos, um fator interno manifesto tipicamente nos chamados valores notícia. Objetivando encaminhar o problema metodológico das pesquisas

[5] Três repórteres contam o mesmo fato de forma diferente. O título da matéria, do primeiro repórter, é: "executivo morre ao passar por buraco". O do segundo profissional: "buraco causa sete acidentes em um ano". O terceiro repórter, por sua vez, explora o mesmo assunto dando outro enfoque totalmente diferente: "corrupção provoca morte no trânsito".

com *frame* e responder questões que sempre são abordadas por pesquisas nessa área, Van Gop (2005, p. 486) questiona de que maneira esse dispositivo de enquadramento "co-ocorre no texto da notícia e formata sublinhando padrões de significação". O interesse por este tema surgiu junto com a curiosidade de estudar de que forma os elementos culturais regionais são enquadrados durante o processo de produção audiovisual, tendo como produtos de análise documentários paraenses. Decidi, então, realizar uma comparação entre dois meios de comunicação de linhas editoriais diferentes a fim de perceber como a Festa da Chiquita, como uma manifestação cultural de Belém, foi abordada pelos dois veículos. O documentário "As Filhas da Chiquita", produzido em 2006, pela cineasta Priscila Brasil, serviu como gancho para a abordagem da temática e incentivou para que fossem estudadas as reportagens de três períodos: de 2006, quando foi lançado o documentário; de 2010; e de 2011, o ano de realização desta pesquisa.

A Festa da Chiquita[6] é polêmica. De caráter profano, ocorre na mesma época do Círio de Nazaré, uma festa de caráter religioso, e tem como protagonista um público que ainda sofre preconceito social – o grupo LGBT[7]. A temática se reveste de importância acadêmica, visto que as linhas editorias das TVs são diferentes e, segundo a teoria do enquadramento citada por Antunes (2009), os meios de comunicação fazem abordagens diferentes com o objetivo de fazer a sociedade compreender a realidade a partir da intenção propagada pelos meios de comunicação, ou seja, cada veículo tem uma intenção voltada para um tipo de público específico.

É clara a relevância social do tema diante de muito preconceito ainda existente na sociedade que, mesmo depois de conquistas como a aprovação do Projeto de Lei estadual que pune e proíbe qualquer ato de homofobia, aprovado em 31 de setembro de 2011 pela Assembleia Legislativa do Pará, esperando apenas a sanção do governador do estado para entrar em vigor, ainda agrega formas preconceituosas de lidar com os pertencentes ao grupo LGBT. Outra característica da importância da temática para o meio social é o fato de que, aquilo que se vê na TV acaba influenciando na opinião dos indivíduos da sociedade e, como aponta Antunes (2009), a TV acaba gerando a agenda da sociedade.

Outra justificativa para o interesse ao tema é a pesquisa divulgada pelo IBOPE[8] que mostra que a maioria dos brasileiros do sexo masculino é contrária à decisão do STF[9]

[6] Item abordado na página 16.
[7] LGBT ou ainda LGBTTTS é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. O "S" se refere aos simpatizantes. Embora refira apenas seis, é utilizado para identificar todas as condições sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero divergentes do sexo designado no nascimento.
[8] Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

de reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo, oficializada em maio de 2011[10]. Diante disso, segui três objetivos específicos neste estudo: relacionar as reportagens produzidas sobre o tema nos três anos; relacionar modos de abordagens nas reportagens; e apontar enquadramentos jornalísticos do tema em dois momentos diferentes. O método da análise comparativa foi possível através do diálogo que se fez entre autores e teóricos da comunicação e do audiovisual. Entrevistei o organizador geral e ícone da festa, Eloy Iglesias; jornalistas que estavam na noite da Festa da Chiquita 2011; representantes de ONGs, Movimentos Sociais e demais grupos em favor do público LGBT; e a cineasta Priscila Brasil, diretora do documentário "As Filhas da Chiquita".

Na metodologia, realizei uma pesquisa qualitativa que, segundo Antônio Chizzotti (1995, p. 52), fundamenta-se em dados coligidos nas interações interpessoais "e na co-participação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. Nesse processo o pesquisador participa, compreende e interpreta". O estudo também possui o caráter documental que, segundo Gil (2002), se baseia na contribuição de diversos tipos de documentos, entre eles, material audiovisual, documentos oficiais, bibliografias de autores, entre outros, indo assim, muito além do que a pesquisa bibliográfica.

O instrumento de coleta de dados foi a observação participante, através da qual o pesquisador tem contato direto com o objeto de pesquisa. "Ele compartilha com o fenômeno estudado, interage com as situações espontaneamente e formalmente acompanha o cotidiano do seu objeto de pesquisa" (CHIZZOTTI, 1995, p. 52). Os métodos de análise foram: entrevistas, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação e análise de material audiovisual e pesquisa de campo envolvendo a presença na Festa de 2011.

Nas entrevistas com os editores dos telejornais das duas emissoras estudadas, distribui as 24 perguntas em fichas separadas, contendo, em cada uma, as mesmas perguntas, sendo que as primeiras fichas foram relacionadas ao Círio e as segundas relacionadas à Festa da Chiquita. Adotei esse esquema para não dar a entender ao entrevistado que pretendia fazer uma análise do víeis das reportagens. Se o entrevistado percebesse tal proposta, isso poderia influenciar nas suas respostas. Nas entrevistas na Chiquita 2011, utilizei a mesma metodologia.

Em virtude da Teoria dos *Frames* ser algo novo, observei nos materiais de pesquisas afirmações de que o modelo ainda precisa de uma delimitação conceitual e

[9] Supremo Tribunal Federal.
[10] Ver página 19.

metodológica melhor. Sabendo que as opiniões dos autores muitas vezes divergem, tomei como base os conceitos de Porto (2002), um dos principais discutidores do tema, e de Zanetti (2008), que faz uma discussão ampla da temática mostrando as diferenças da Teoria dos *Frames* em relação às outras, evitando, assim, confusões entre conceitos. Para chegar aos objetivos propostos, busquei responder ao seguinte problema de pesquisa: "sob que víeis a Festa da Chiquita está sendo apresentada pelos dois meios de comunicação estudados?".

2 - Das Teorias do Jornalismo ao *Framing*

Para se compreender a teoria dos *frames*, faço, primeiramente, uma abordagem das principais teorias do jornalismo. Essa compreensão facilitará, por exemplo, a diferenciação entre Teoria do Agendamento e Teoria do Enquadramento. A *Teoria do espelho*, elaborada no século XIX, foi a primeira metodologia utilizada na tentativa de compreender porque as notícias são como são. Conforme esta teoria, referenciada em Pena (2008, p. 125), o jornalismo reflete a realidade, ou seja, as notícias são como são porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real e apresenta um reflexo dos acontecimentos cotidianos. Buscando a verdade acima de qualquer coisa, o jornalista emite um relato honesto da realidade sem apresentar opiniões pessoais, entregando-se à objetividade (PENA, 2008, p. 126). O autor explica que, se o jornalismo reflete os acontecimentos da realidade, a própria realidade acaba por se propagar pelas páginas dos jornais e seu reflexo retorna ao meio sob novas formas. Observa-se aqui, o fenômeno da repercussão na imprensa. As notícias, então, ajudam a construir a realidade. Os jornalistas estruturam representações do que supõem ser a realidade nas suas rotinas produtivas e nos limites dos veículos de informação.

De acordo com a *Teoria do Newsmaking*, o jornalismo estaria longe de ser o espelho do real. Seria antes a construção social de uma suposta realidade. Segundo essa teoria, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la, pois no trabalho de enunciação os jornalistas produzem discursos que, submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem a notícia. Conforme Pena (2008), a sistematização do modelo teórico do *newsmaking* feita por autores como Mauro Wolf e Nelson Traquina, leva em consideração critérios como noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção.

Essa teoria rejeita a teoria do espelho e enfatiza o caráter convencional das notícias, dizendo que elas informam e têm referência na realidade. Elas também ajudam, entretanto, "a construir essa mesma realidade e possuem uma lógica interna de constituição que influencia todo o processo de construção" (PENA, 2008, p. 129). Segundo Mauro Wolf (*apud* Pena, 2008, p. 129), a teoria articula-se em três vertentes principais: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. Gaye Tuchman (*apud* Pena, 2008, p. 129) afirma que o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial, com procedimentos próprios e limites organizacionais.

A teoria ocupa-se da noticiabilidade, negociada por repórteres, editores, diretores e outros atores do processo produtivo na redação. Sua aplicação se baseia nos valores- notícia (critérios usados para definir acontecimentos significativos, "dignos" de serem transformados em notícia). Na sistematização do trabalho jornalístico, o trabalho é dividido entre pauteiros, repórteres e editores, cada um com funções específicas, embora interligadas. A organização do trabalho é favorecida pela divisão em editorias. Pena (2008, p. 131) lembra que ocorre um processo industrial, com hora de fechamento e cartão de ponto, encerrando assim a trilogia organizacional. Segundo Tuchman (*apud* Pena, 2008, p. 131), são usadas tipificações de matérias: duras, leves, súbitas, em desenvolvimento e em sequência, com a finalidade de pôr ordem no processo e no tempo, diminuindo os efeitos da imprevisibilidade. A notícia é elaborada de acordo com a lógica estabelecida pelo formato, havendo uma recontextualização do seu foco durante a edição.

A *Teoria do Gatekeeper* privilegia a ação pessoal. Pena (2008, p. 133) explica que ela se refere à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia. O *gatekeeper* (jornalista pauteiro ou selecionador das notícias) decide o que entra ou deixa de entrar naquela edição. Já para a *Teoria Organizacional*, toda organização dispõe de meios específicos para realizar seu trabalho e eles influenciam diretamente no resultado desse trabalho, no produto final. Conforme Pena (2008, p. 135), o jornalismo é um negócio e, busca o lucro. Nas empresas, as receitas devem superar as despesas. Dessa forma, o setor mais importante de um jornal é o comercial, responsável pela captação de anúncios para sustentá-lo. Na TV também privilegia-se reportagens que atinjam o maior número de público, pois quanto maior a audiência, maiores as receitas publicitárias. Daí a opção pelo drama em detrimento da informação.

Segundo a *Teoria do Agendamento ou Agenda Setting* os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos veiculados na imprensa, pois os meios de comunicação agendam as conversas da sociedade. Ou seja, a mídia diz aos indivíduos sobre o que falar, pautando, assim, os relacionamentos. De acordo com Pena (2008, p. 142), nas perspectivas de Walter Lippman (1922), a imprensa funciona como "agente modeladora do conhecimento, usando os estereótipos como forma simplificada e distorcida de entender a realidade". A *Teoria Hipodérmica*, ainda no campo dos estudos sobre os efeitos da mídia ou *media effects*, defende que cada tipo de público é pessoal e diretamente atingido pela mensagem.

A *Agenda Setting* não apresenta a hipótese de que a imprensa pretende persuadir. A influência midiática nas conversas da sociedade vem da dinâmica organizacional das empresas de comunicação com seus critérios de noticiabilidade. Shaw e Wolf (*apud* Pena, 2008, p. 144) dizem que "as pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media*[11] incluem ou excluem do seu próprio conteúdo". A ação da mídia no conjunto de conhecimentos sobre a realidade social forma a cultura e age sobre ela. Para Noelle Neumann e Wolf (*apud* Pena, 2008, p. 145), essa ação tem três características básicas: a acumulação, que é a capacidade da mídia para manter a relevância de um tema; a consonância, através da qual as semelhanças nos processos produtivos de informação tendem a ser mais significativas do que as diferenças; e a onipresença, a qual diz respeito ao fato de a mídia estar em todos os lugares com o consentimento do público, que conhece sua influência.

2.1. A Teoria do Enquadramento

Trato neste tópico especificamente da teoria do enquadramento, considerada ainda pelos pesquisadores algo novo. De acordo com Zanetti (2008), o conceito de *framing* tem sido usado cada vez mais em pesquisas sobre processos de produção e de consumo de notícias. Verifica-se, porém, afirmações de que o modelo ainda precisa de uma delimitação conceitual e metodológica melhor. Em virtude disso, ocorrem comparações do *framing* com modelos anteriores, como a *agenda setting*. A autora discute as relações e esclarece os limites teóricos e metodológicos do *priming*[12], do *framing*, e da *agenda setting*, no campo

[11] Refere-se a todas as tecnologias de mídia, incluindo internet, televisão, jornais, cinema e rádio, que são utilizadas para comunicação de massa, e pelas organizações que controlam essas tecnologias.
[12] Ocorre quando o conteúdo da mídia sugere quais temas devem ser usados como paradigma na avaliação da performance de lideranças políticas, governantes e instituições" (ZANETTI, 2008). O *priming* é visto como uma extensão da *agenda setting*.

dos estudos de *media effects*[13]. Segundo David H. Weaver (2007 *apud* ZANETTI, 2008), entre os anos de 2001 e 2005 foram localizadas 165 pesquisas que utilizaram o *framing* como parâmetro de investigação de fenômenos midiáticos, contra 43 de *agenda setting* e 25 de *priming*. Weaver levanta a hipótese de que o termo *framing* é alvo de ambiguidades.

> "Frame" pode ser aplicado a vários aspectos distintos das mensagens e a diferentes tipos de mensagens. Pode também ser estudado por meio da análise sistemática de conteúdo, ou simplesmente da análise textual interpretativa, embora muitos dos artigos dessa edição do *Journal of Comunication*[14] se preocupem em analisar a relação entre *frames* da mídia e frames da audiência, uma abordagem teoricamente mais frutífera para se estudar o *framing* (WEAVER, 2006, p. 144).

O *priming* e o *framing* são elaborados a partir de premissas distintas. O primeiro é visto como uma extensão da *agenda setting e* se refere "às mudanças de padrões nas avaliações do público sobre determinados assuntos e ocorre quando o conteúdo da mídia sugere quais temas devem ser usados como paradigma na avaliação da performance de lideranças políticas, governantes e instituições" (ZANETTI, 2008). Já o segundo, é baseado segundo a seguinte premissa: "a maneira como um assunto é caracterizado em matérias noticiosas pode ter uma influência na forma como é compreendido pela audiência" (SCHEUFELE; TEWKSBURY, 2007, p. 11). O *framing* refere-se, então, mais à utilização de quadros de referência como padrões de produção e recepção de mensagens midiáticas.

Para McQuail (2003, p. 501), o conceito enquadramento agrega dois significados fundamentais: um que se refere à maneira como o conteúdo é enquadrado pelos jornalistas num dado contexto familiar e de acordo com uma certa estrutura de significado, e outro que tem a ver com o seu efeito no público. A audiência adota os quadros de referência oferecidos pelos jornalistas e vê o mundo de maneira semelhante. Os meios de comunicação criam quadros de referência na produção das mensagens para, em seguida, serem re-apropriados pelo público, que os utiliza para interpretar a realidade social e discutir sobre ela. A partir disso, Scheufele e Tewksbury (*apud* Zanetti, 2008) afirmam que ocorre um efeito de *framing* quando o público presta substancial atenção às notícias. Zanetti (2008) define *framing* como processo de seleção de elementos da realidade percebida, em seguida reunidos para se criar uma narrativa que destaca certas conexões entre esses elementos, promovendo, assim, uma interpretação particular.

Porto (2004) faz uma distinção entre dois tipos de enquadramento que considera principais: o noticioso e o interpretativo. O noticioso se refere ao tipo de abordagem dada

[13] Na tradução para a língua portuguesa significa "efeitos da mídia".
[14] Jornal que concentra-se em pesquisas de comunicação e política.

pelos jornalistas, ou seja, a "padrões de apresentação, seleção ênfase organizados por jornalistas para organizar seus relatos" (PORTO *apud* ZANETTI, 2008). Os interpretativos, porém, se originam fora do contexto da prática jornalística e operam a partir de "padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular" (*ibidem*) de temas e eventos. Para Antunes (2009), a notícia funciona como um sinal temporal utilizado pela sociedade para sua orientação. O jornalismo acaba se caracterizando como uma das instituições sociais que atua como quadro de referência para construir aquilo que se entende por tempo.

Hoje, o acontecimento jornalístico ocorre sobre diferentes temporalidades. Seu inicio e seu fim está sujeito "ao contexto sócio-cultural, à própria dinâmica editorial e às modalidades narrativas que irão representá-lo" (ANTUNES, 2009, p. 86). Conforme este autor, o tempo é invocado sempre para dar conta dos cenários da informação na mídia: o direto na TV; o tempo real na web; o elogia da "lentidão" no jornal. Em termos de análise, os *frames* operam em níveis cognitivos e textuais ou como padrões de discurso que aparecem em uma condição pública. Nesse sentido, os investigadores percebem os enquadramentos:

> (1) como um complexo cognitivo de esquemas de assuntos relacionados para diferentes aspectos da realidade, (2) estabelecidos no discurso público, político ou entre mídias, e (3) tornando-se manifesto como uma estrutura textual de mensagens tais como em *press releases* e artigos de jornal (SCHEUFELE, 2006, pg. 66, *apud* ANTUNES, 2009, pg. 87).

Duas instâncias do frame são analisadas: o momento da construção e o momento de "ajuste" do enquadramento. O primeiro momento, chamado de *"frame-building"*, envolve fatores internos que influenciam as qualidades estruturais de enquadramento das notícias, em especial as concepções com as quais a comunidade profissional opera, e fatores externos que estão relacionados com o contato e a interação do campo jornalístico com outros atores e agentes sociais. Ambos os fatores, internos e externos, se encontram manifestos no texto da notícia. Já o segundo momento, chamado *"frame-setting"*, envolve a relação entre a moldura do campo midiático e os meios de interpretação e avaliação das notícias acionados pela sociedade.

Para Tuchman (*apud* ANTUNES, 2009, p. 89) "os jornalistas produzem tipificações baseados nas ocorrências de eventos que podem se transformar em noticias". O encaixe das tipificações no espaço geram os critérios de noticiabilidade que, segundo Traquina (2005, p. 63), são o "conjunto de valores-noticia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável". Para Eilders (apud Antunes, 2009,

p. 89), os processos de interpretação das notícias acionados pelos leitores permitem supor que a noticiabilidade está vinculada a "esquemas de relevância" ligados não apenas aos processos seletivos dos jornalistas, mas também ao processo de atenção dos receptores.

Alguns autores compreendem o paradigma do *framing* como um segundo nível da *agenda setting* pelo fato de organizar a produção e o consumo das mensagens midiáticas. O primeiro nível da *agenda setting* propõe essa organização no sentido de pautar quais assuntos estão na agenda da mídia e do público, enquanto o segundo nível, que pressupõe um *framing*, se preocupa com a organização de como esses assuntos são tratados. Ou seja, no segundo nível a preocupação é com o víeis pelo qual são abordados e quais são as características predominates dos objetos e temas em questão.

McCombs (1997) criou e instituiu o termo *agenda setting* em parceria com Donald L. Shaw, e prefere considerar o *framing* como um segundo nível da *agenda setting*, que se volta para os atributos dos assuntos e objetos tratados pela mídia. Para este autor, além da agenda dos assuntos, há outro nível de análise a considerar. O *framing*, ao funcionar como uma "moldura" influencia na maneira de pensar determinados temas. Wolf (2003, p. 179) define quatro fases relevantes no processo de construção de uma agenda – a fase em que a mídia foca ou enfatiza determinado assunto; a fase do *framing* ou do delineamento de um quadro interpretativo, na qual o objeto focalizado pela mídia é enquadrado e interpretado à luz de algum tipo de problema que ele representa; a fase em que os meios de comunicação ligam os acontecimentos e estabelecem vínculos entre o assunto tratado e um sistema simbólico; e por fim, o momento em que os assuntos ganham peso e relevância se forem personificados em indivíduos que se tornam seus porta-vozes.

Antunes (2009) diz que as notícias operam com estratégias enunciativas recheadas de *media templates*. Eles constituem relevantes aspectos das memórias coletivas e analogias históricas acionadas na construção das matérias, "a partir de uma dada percepção que os jornalistas deixam incrustada nas noticias e que tem relação com os esquemas interpretativos supostos às audiências" (PONTE, 2006, p. 140). Estariam tanto na percepção dos jornalistas quanto nas imagens construídas e na "dimensão conversacional das interações pessoais". São buscados enquadramentos como o inusitado, o "diferente" e o "novo" nos assuntos noticiados.

3 – Mídia, cultura e religião

Este tópico possui caráter conceitual e fornecedor de dados que possibilitam uma maior relação da temática do enquadramento com o material analisado durante a pesquisa.

Trato da relação da mídia, que enquadra temas jornalísticos, com a cultura e a religião. Tal compreensão é importante para que se tenha noção do tipo de relação que a mídia local tem com o Círio e a Chiquita. Para autores como Kahwage e Roggeri (2007), dependendo das escolhas estéticas e de linguagem, é possível realizar produtos audiovisuais que universalizem as manifestações da cultura extremamente particulares e, a partir daí, seria possível também "produzir obras em que essa espetacularidade fosse desenvolvida em função da experiência de realização dos participantes brincantes e da possibilidade de mostrá-la, desnudá-la frente a um público que eles não conhecem e que entra na sua intimidade" (KAHWAGE e ROGGERI, 2007, p. 100).

Herschmann e Pereira (2005, p. 9) mostram que "somos, cada vez mais, dependentes dos 'lugares de memória', na sua qualidade material, simbólica e funcional". Mesmo a ideia do "novo" parece estar associada ao "velho". Conforme Adreas Huyssen (apud HERSCHMANN e PEREIRA, 2005, p. 9) "o passado tornou-se uma referência fundamental para a cultura contemporânea: com a crise da modernidade, o foco do debate teria se deslocado do futuro para o passado [...] as sociedades contemporâneas parecem investir no passado, na sua 'presentificação'". Conforme pressupostos dos autores, na contemporaneidade, a mídia emergiria como principal espaço de produção e de experimentação da memória e do biográfico. Para eles, é nos espaços mediáticos que se travam as disputas simbólicas que engendram referencialidades, ou seja, nos circuitos mediáticos de produção e consumo se constroem interpretações do passado e do presente.

De acordo com os autores, o enunciado jornalístico e narrativas e representações veiculadas na mídia, vêm ganhando terreno e são essas as principais referências na determinação do que é relevante, do que é "fato histórico" e do que deve ser lembrado pelas sociedades. A mídia aparece como um dos principais lugares de memória do mundo contemporâneo. Mais do que isso, a própria ciência cada vez mais se apoia em relatos construídos pela mídia. Assim, a mídia pode se constituir não apenas num espaço de visibilidade, mas também num lugar privilegiado de (re) construção de memórias locais, nacionais ou mesmo transnacionais:

> A compreensão dos processos de visibilidade, de "enquadramento" de construção das narrativas do *self*[15] e da memória é fundamental, pois é através deles que se abre a possibilidade para que trajetórias de vida se tornem públicas, tradições e expressões culturais possam ser recuperadas, reproduzidas e/ou legitimadas, enfim, é a partir desses

[15] *Self:* O indivíduo como o objeto de sua própria consciência reflexiva, sujeito de todos os seus fenômenos mentais, agente em suas próprias atividades, sujeito de seus próprios sentimentos e possuidor de capacidades e de caráter (HERSCHMANN E PEREIRA, 2005, p. 16).

> processos que se constroem (re) leituras de evento e personagens, seja para grupos sociais segmentados ou grandes coletividades (HERSCHMANN e PEREIRA, 2005, p. 16).

Vivemos uma cultura mediática espetacularizada e performática, na qual formulações identitárias, estilos de vida bem como as diversas estratégias narrativas que contribuem para a organização de nossa vida social são forjados no interior do ambiente comunicacional, com destaque para sua vertente mediática, povoada de ricos e variados personagens, fantasias e enredos. Os estudos sobre cultura devem considerar a dimensão da comunicação estetizada de tecnologia sofisticada, pois lida com objetos cujo sentido tenta-se apreender na intensidade e precariedade de sua efemeridade, fragmentação e velocidade.

Herschmann e Pereira (2005) dizem que os grupos sociais encontram sentido no espetáculo contemporâneo e se apoiam nas representações veiculadas na mídia para lembrar ou construir referências e atribuir significados às suas vidas. Esses são reflexos de pós-modernidade. Para os autores,

> A mídia não leva apenas ao esquecimento, ao entretenimento, ao escapismo ou ao esfacelamento da memória e da identidade, mas também como um veiculo que produz uma experiência, efetivamente vivida pelos indivíduos, em que a amnésia e o referenciamento simbólico podem coexistir e se relacionar, ainda que de fora tensa e contraditória. Num certo sentido, a mídia pode ser, hoje, encarada como o ambiente mesmo no interior do qual cotidianamente construímos, desconstruímos e reconstruímos nossas vidas (HERSCHMANN e PEREIRA, 2005, p. 48).

Para Pollak, (1989, p. 3-5 *apud* Herschmann e Pereira, 2005, p. 113) “todo processo de produção de memória, seja ele de que natureza for, pressupões um trabalho de enquadramento, que é também de seleção”. A mídia é o principal lugar de memória e/ou de história das sociedades contemporâneas e os fatos históricos sempre resultam dos investimentos semiológicos realizados pela ciência histórica. Os meios de comunicação acabaram ocupando uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social, aceitos como verdadeiros pela sociedade em consenso. A história passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação. No jornalismo, através de operações discursivas, se atribui sentido aos fatos da atualidade. Isso é essencial para dar conta de como os meios de comunicação produzem uma idéia de história e como, no mesmo processo, constroem-se e legitimam-se como lugar social.

Para Herschmann e Pereira (2005, p. 131), “a mídia não cessa de transformar o mundo em imagens [...] que são desprovidas da necessidade interna que deveria caracterizar toda imagem, ao mesmo tempo em que é forma e significado, impondo atenção e sentidos virtuais”. O espaço e o tempo modificam a relação humana com a cultura e como o consumo dos objetos de conhecimento. O homem do mundo contemporâneo quer adquirir

uma bagagem cultural tão rapidamente como consome um almoço no *fast-food*. A mídia forja, então, essa aceleração.

Pierre Nora (*apud* Herschmann e Pereira, 2005, p. 138), fala da influência dos meios de comunicação na multiplicação dos lugares de memória: "seriam os arquivos, as bibliotecas, os monumentos, as obras de arte, mas também as comemorações e as datas nacionais". Para Freud (*apud* Herschmann e Pereira, 2005, p. 139), "a memória se realiza no sistema inconsciente incluindo sempre e necessariamente o esquecimento ligado ao processo de recalcamento [...]". Para este autor, além de as imagens terem uma organização especial, a memória teria uma outra função: a de criar e recriar o "real". Memória, em Freud, seria, pois, revelação e não registro de algo real que é vivido e representado psiquicamente, ao mesmo tempo em que é, também, encobrimento.

Para a psicanálise, a memória se faz no momento em que emerge da consciência, e frequentemente manifesta-se como defesa no momento em que se vivencia uma experiência afetiva nova. Através das imagens pode se dar a fixação do presente. "Essas imagens, sejam nos filmes ou nas fotografias, tornam-se instrumentos poderosos para os rearranjos sucessivos da memória coletiva e, através da televisão e de outros *media*, da memória nacional" (HERSCHMANN e PEREIRA, 2005, p. 140).

A memória coletiva organizada resume a ideia que a sociedade majoritária ou o Estado deseja passar a impor. Transformadas em produto, as comemorações são uma comercialização lucrativa, ao mesmo tempo em que se tornam integradoras do sagrado e do profano. As festas comemorativas possuem essas duas dimensões: a praça pública, subversiva, profana, e a dimensão sagrada, dos atos oficiais. Essa dupla dimensão pode ser constatada no Círio de Nazaré, programação religiosa que adquiriu uma grande dimensão ao longo do tempo, que divide espaço com um evento totalmente profano, a Festa da Chiquita. O Círio possui muitos outros elementos profanos que fazem com que esta festa não seja um evento unicamente religioso. Há publicidades e um comércio em torno dela.

No contexto do Círio de Nazaré se frisa que, sempre fazendo memória de um passado, quando se iniciou a tradição do Círio através de um "achado" de uma imagem, se vive intensamente cada Círio ano após ano, e se aguarda ansiosamente o do ano seguinte. Ao longo dos anos, o Círio subsequente começou a ser planejado cada vez mais com antecedência. Os participantes da Festa da Chiquita também esperam ansiosamente o evento do ano seguinte e as novidades que ele trará.

4 – Círio e Festa da Chiquita. Compreendendo o que representam para Belém

Esses dois eventos fazem parte do contexto histórico, artístico, cultural, religioso e social dos moradores da cidade de Belém do Pará. Estão presentes, portanto, na mídia local, inclusive nos dois veículos de comunicação estudados – TV Cultura e TV Liberal. Mas por que o Círio, que envolve diversos outros eventos culturais na cidade, movimenta tanto o dia-a-dia das redações que se voltam totalmente para a cobertura dessas programações antes, durante e depois do quinzenário[16], e a Festa da Chiquita, reconhecida pelo IPHAN[17] como parte dessa programação, não aparece na cobertura?

4.1. O Círio de Nazaré

A maioria da população paraense ainda é de católicos: 66,55% dos habitantes se declaram pertencentes à religião e somam cerca de 5 milhões de pessoas. Desses, duas milhões e cem pessoas participaram do Círio de Nazaré em 2010, de acordo com o Dieese-Pa[18]. No ano de 2006 esse número era de cerca de um milhão e oitocentas mil pessoas. Já na Festa da Chiquita o número de participantes em 2010 e 2011 foi, segundo os organizadores, de cerca de 400 mil pessoas[19].

De acordo com o site[20] do Círio de Nazaré e a Diretoria da Festa[21], a devoção a Nossa Senhora de Nazaré teve início em Portugal. A devoção em Belém teve inicio a partir de um achado do caboclo Plácido José de Souza. Ele encontrou, em 1700, às margens do igarapé Murutucú[22], uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Plácido teria levado a imagem para a sua humilde casa e, no outro dia, ela não estava mais lá. Correu ao local do encontro e lá estava a imagem. O fato teria se repetido várias vezes até a imagem ser enviada ao Palácio do Governo. No local do achado, Plácido construiu uma pequena capela. Em 1792, o Vaticano autorizou a realização de uma procissão em homenagem à Virgem de Nazaré em Belém. O primeiro Círio foi realizado no dia 8 de setembro de 1793. A partir de 1901 a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de outubro. Tradicionalmente, a imagem é levada da Catedral de Belém à Basílica Santuário.

[16] Quinze dias de festividade, desde o dia do Círio até o Recírio, quando encerram os festejos em homenagem a N. S. de Nazaré, com celebrações na Basílica-Santuário de N. S. de Nazaré, shows com as principais bandas católicas nacionais no Círio Musical, e o arraial, com opções de lazer às famílias e o parque de diversões.
[17] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
[18] Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos.
[19] Dados obtidos nas entrevistas com os organizadores na Festa da Chiquita 2011.
[20] www.ciriodenazare.com.br. Consultado em 15 de agosto de 2011.
[21] Responsável pela organização do Círio e da Festa de Nazaré, desde suas primeiras manifestações, com a missa do mandato, até o seu término, com o Recírio, constituída por 35 representantes de vários segmentos da sociedade local (IPHAN, 2006, pg. 62).
[22] Onde hoje fica localizada a Basílica-Santuário de Nossa Senhora de Nazaré.

Ao longo dos anos, houve adaptações. Em 1853 passou a ser realizada pela manhã. O Círio foi tombado como patrimônio cultural do Brasil pelo IPHAN em 2004.

A festa religiosa se caracteriza como uma das principais do Brasil e do mundo (IPHAN, 2006). Em 2010, apenas a procissão do domingo (Círio), reuniu dois milhões e cem mil pessoas, conforme o Dieese-Pa[23]. Compreende 23 eventos[24], envolvendo romarias, traslados, procissões, missas, apresentação do manto, vigílias, adoração, shows católicos, entre outros. O Círio vai muito além de uma manifestação religiosa. Também se caracteriza como uma manifestação cultural e artística que movimenta a capital paraense, criando novos postos de trabalho, movimentando os negócios de turismo e gerando milhões de lucros entre serviços e negócios, contribuindo assim, com a economia. Pantoja (*apud* SANTOS e LEITE, 2011, p. 48) diz que nessa época a movimentação econômica no estado é grande. As pessoas aproveitam para ter uma renda extra através da venda dos mais variados produtos e serviços.

Segundo o IPHAN[25] (2006, p. 11), o Círio ocorre há 211 anos todo segundo domingo de outubro em Belém. Durante os quinze dias de romarias, o trânsito é interditado e, para esperar a passagem da Santa, pessoas enfeitam a frente das suas casas, as ruas e a cidade recebe uma decoração especial. Conforme o IPHAN (*apud* NETTO, 2004, p. 11) "o Pará, sem a festa de Nazaré, não seria Pará". Trabalha-se o ano todo para, em outubro, se vestir uma roupa nova e preparar o almoço do dia do Círio com comidas típicas paraenses.

A procissão do Círio, no segundo domingo de outubro, é o ápice de todo esse contexto religioso, artístico, econômico e cultural. A trasladação[26], no dia anterior, sai do colégio Gentil Bittencourt e segue rumo à Catedral Metropolitana de Belém. De acordo com o Dieese-Pa[27], são percorridos 3,75 km. No dia seguinte, a Imagem volta pelo mesmo trajeto até a sua Basílica Santuário, localizada no bairro de Nazaré. Durante essas duas procissões, são feitas muitas homenagens. Os promesseiros[28] acompanham a procissão na corda, o principal ícone da procissão depois da imagem da Santa na sua berlinda[29]. Os

[23] Entrevista com o economista e supervisor técnico do Dieese-Pa, Roberto Sena, no dia 12 de agosto de 2011.
[24] Dados divulgados na coletiva de imprensa 2011 para divulgação do balanço final do Círio 2011.
[25] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
[26] Traslado do Colégio Gentil Bittencourt, nas vésperas do Círio, seguindo o seu sentido inverso, à Catedral Metropolitana de Belém. Ocorre à noite, com bonitas homenagens de fogos de artifício e luzes (IPHAN, 2006, p. 45).
[27] Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos-Pará.
[28] Os que "pagam" promessa, geralmente, na corda. Muitos levam objetos de cera durante as procissões simbolizando agradecimentos ou pedidos, e outros acompanham o Círio de joelhos.
[29] Integra o Círio desde 1855, em substituição a uma espécie de carruagem puxada por cavalos ou bois. A berlinda tem estilo barroco, é esculpida em cedro vermelho e ganhou forma de andor. É ornada com flores naturais e a imagem é colocada dentro dela.

promesseiros vão segurando a corda para agradecer graças recebidas e fazer promessas. O Círio é compreendido por uma programação oficial construída pela Diretoria. Nela constam como programação cultural apenas o Círio Musical e o Arraial ao redor da Basílica Santuário. De acordo com o IPHAN, porém, o Círio tem outros eventos e elementos culturais. Na programação "extra agenda" há, ainda: Festa da Chiquita, Auto do Círio[30] e Arrastão do Boi Pavulagem[31], além de diversas outras manifestações artísticas, econômicas e culturais.

> O Círio pode então ser percebido como uma festa polissêmica, um campo de conflitos, fruto do embate permanente entre diferentes tradições, entre experiências múltiplas tecidas no contexto da romaria. Num espaço que sugere a ordem, é possível perceber momentos de desordem, transgressão e conflito com a oficialidade da festa. Se a devoção sugere a relação íntima do devoto com a divindade, pode-se perceber, além disto, a tentativa de controle do episcopado em relação a essa forma de relação popular, procurando expurgar os festejos dos elementos considerados profanos (IPHAN, 2006, p. 27).

No mês de outubro o Círio vira capa dos jornais, reportagens especiais dos telejornais, edições especiais de revistas, o assunto das rádios locais. Fotógrafos de todo o mundo tentam ganhar um espaço privilegiado nas principais avenidas da cidade por onde passam a procissão para registro de imagens únicas, que só este evento pode proporcionar. Nas redações dos jornais da cidade a movimentação é grande. No ano de 2011, o jornal O Liberal mobilizou 10 fotógrafos e 15 jornalistas para a cobertura. A movimentação de repórteres é grande para conseguir a credencial de autorização e, quem perde o prazo, corre o risco de não ter acesso aos lugares privilegiados para colher imagens. Todos os anos o Círio serve de tema para diversas reportagens, documentários, filmes, clipes, entre outras produções audiovisuais.

4.2. A Festa da Chiquita

Após a passagem da Santa pela Praça da República, na Trasladação, se inicia a Festa da Chiquita, considerada como lado profano do Círio. É uma festa que reúne anualmente, segundo Souza (2008), cerca de 40 mil pessoas em um cortejo que se concentra no Bar do Parque, na Praça da República. A festa tem como apresentador o artista paraense Eloy Iglesias que comanda a programação com irreverência e carisma, usando uma fantasia coberta de pluma e uma maquiagem chamativa. Todos dançam ao som de

[30] Espetáculo de rua grandioso com grande participação popular. Ocorre desde 1993 na noite da sexta-feira que antecede a procissão principal do Círio. O evento é organizado pela escola de Teatro e Dança da UFPa (IPHAN, 2006, 56).
[31] É um cortejo de cultura popular que agrega pessoas em torno da brincadeira do boi-bumbá, principal elemento cênico da atividade. Ocorre sempre na véspera do Círio, desde 1999. É um desdobramento dos arrastões que ocorrem por toda a cidade no mês de junho (IPHAN, 2006, pg. 57).

carimbó e música eletrônica. Para muitos, o dilema da impossibilidade de conviverem em um mesmo espaço o sagrado e o profano, ainda permanece. Muitos questionam o fato de uma festa profana de público LGBT se iniciar logo após a passagem das Santa, mas, segundo Huxley (apud SANTOS e LEITE, 2011, pg. 49), esse encontro é inevitável: "o sinal de que chegou o tempo de cessar toda atividade e de se atravessar o limiar do sagrado e o corte em dois de um pedaço de madeira, um ato que diz, com suficiente clareza, 'o sagrado para este lado e o profano para aquele'".

Segundo o IPHAN (2006), a Festa da Chiquita teve inicio em 1978, com um bloco de carnaval chamado "As Filhas da Chiquita", tendo como pessoas à frente da realização durante grande parte desses anos, Eloy Iglesias[32]. Antes disso, já nos carnavais de 1975 e 1976, grupos homossexuais e simpatizantes de Belém organizaram um bloco carnavalesco que saía das proximidades do extinto presídio São José Liberto, percorrendo as ruas do centro da cidade, até o Bar do Parque, na Praça da República. A partir dessas primeiras manifestações já se iniciava a polêmica Chiquita.

Antigamente o bloco carnavalesco saia da Praça Amazonas, onde morava Antônio Bandeira, o responsável pelo inicio de tudo, que depois abandonou o bloco. A irreverência sempre foi uma marca desse bloco, mesmo na época da ditadura. Possuía um conceito de bloco carnavalesco e até hoje ocorre "nesse mesmo espírito". Para Eloy (2011), "*além de uma brincadeira, a festa é uma crítica à Igreja Católica que toma conta da cidade como se todos fossem católicos*". Com o mesmo conceito: de defender os homossexuais, a festa ocorre há mais de 32 anos e é mais antiga que as paradas gays, que ocorrem há 20 anos. Apesar do não reconhecimento da Igreja, a Festa da Chiquita contribui com o turismo e a movimentação da economia proporcionada pelo contexto do Círio.

Juntamente com o Círio, a Chiquita foi tombada como patrimônio cultural do Brasil em 2004, por fazer parte do contexto da festa, embora não reconhecida pela Igreja. Muitos consideram o evento como "o embrião das Paradas LGBTs no Brasil". Todos os anos, para a realização da festa, Iglesias tem de ir à policia conseguir uma licença para realização com hora certa para iniciar e terminar. Para ele, em vez de ajudarem a realizar a festa os órgãos públicos acabam dificultando. Na observação participante feita na Festa da Chiquita 2011, constatei um lugar que reúne um público diverso. Observei um local onde a diversidade se manifesta de forma espontânea. O público LGBT age de forma natural, sem

[32] Um dos precursores da Festa da Chiquita, é cantor, compositor, ator e performer. Iniciou sua carreira na década de 70 em meio ao movimento cultural e político da época, ocupando espaço importante no cenário da cultura paraense. O artista lançou seu primeiro vinil na década de 80 e consagrando-se com seu grande sucesso, a música "Pecados de Adão.

restrições, dividindo espaço com heterossexuais e até casais de heterossexuais que lidam de forma harmônica com os homossexuais.

Há muitos observantes. Uns vão para conhecer o significado da festa, outros apenas para olhar ou se divertir. Há também aqueles que vão para proferir formas de discriminação aos homossexuais ou praticar atitudes desordeiras como roubos e furtos. Eloy Iglesias sobe no palco entre uma apresentação e outra para cantar, dançar e conversar com o público. Em determinados momentos são entregues premiações como "Rainha do Círio", dada a alguma celebridade. Há também o premio a um cantor do estado e a um jornalista. Conforme Elna[33], o troféu "veado de ouro" surgiu com o nome Oliveira Bastos, um jornalista da época que falava mal dos homossexuais nas matérias que escrevia. O veado de ouro era feito de porcelana e era pintado com spray dourado. Antigamente, um veado saía de um bar da Cidade Velha, chamado Garagem, carregado pelos participantes da festa enfeitado com um arco de flores. O veado no centro fazia uma alusão a Nossa Senhora de Nazaré na berlinda. Hoje o veado de ouro é dado a uma pessoa que, de alguma forma, se destacou ao longo do ano. A escolha é feita independente da condição sexual da pessoa.

Durante o evento, as drags e os travestis fazem dublagens de músicas. Ocorre uma grande produção envolvendo cabelo, roupa e maquiagens. A partir dos aplausos do público escolhe-se a melhor dublagem. Em 2011 ocorreu a 33ª edição da Chiquita e o deputado federal Jean Wyllys[34] (PSol-RJ) compareceu pela primeira vez à festa, junto com a senadora Marinor Brito[35] (PSol-PA) e o deputado estadual Edmilson Rodrigues[36] (PSol-PA), candidato à prefeitura de Belém nas eleições para prefeito de 2012, para quem declarou estar indo fazer campanha. Wyllys ressaltou que a Chiquita é "o embrião" das paradas gays no Brasil. O tema da Chiquita 2011 foi "Além do Arco-Íris - um show contra a homofobia". Durante o evento, Jean Wyllys recebeu o Prêmio Veado de Ouro; Marinor Brito, o de Rainha do Círio; Heloísa Freitas, o de orgulho LGBT; e o colunista do jornal O Liberal, Bernardino Santos, o Prêmio Mário Faustino.

5 – Análise de depoimentos e reportagens: o enquadramento dado pelas duas TVs

[33] Trecho do documentário "As Filhas da Chiquita", da cineasta paraense Priscila Brasil.

[34] Politico escritor brasileiro, eleito em 2010 deputado federal do Rio de Janeiro. Jornalista mestre em Letras e Linguística pela UFBA, professor na ESPM e na Universidade Veiga de Almeida.

[35] Sindicalista, professora e política brasileira, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade. Elegeu-se senadora pelo Pará em 2010. Foi vereadora de Belém em 1996. Em 2005, junto do ex-prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, e de outros políticos, se filiou ao PSOL.

[36] Foi prefeito de Belém entre 1997 e 2004. Formado em arquitetura, é professor e projetista de muitas de suas obras públicas. É também mestre em urbanismo e doutor em geografia pela USP.

Após a compreensão da Teoria dos Frames e o entendimento de como ocorre o enquadramento da realidade durante o processo de produção de conteúdos midiáticos, e de que forma isso interfere no público que os recebe, mostro de que forma os conceitos tratados pelos autores se aplicam às reportagens analisadas durante o processo de pesquisa. De acordo com a proposta, seriam analisadas reportagens das TVs Liberal e Cultura produzidas durante os anos de 2006, 2010 e 2011, mas constatei que a TV Liberal não produz reportagens sobre a Festa da Chiquita. Analisei, então, apenas três reportagens produzidas em 2006 e outra produzida em 2010, visto que foi o único material encontrado sobre o assunto.

A análise das reportagens foi feita com base nos pareceres dos autores, na observação participante junto aos envolvidos no processo de produção desse material e nas coletas de informações feitas por este público durante a noite do evento de 2011. Levei em consideração a pesquisa divulgada pelo IBOPE[37] que mostra que a maioria dos brasileiros do sexo masculino é contrária à decisão do STF[38] de reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo, oficializada em maio deste ano. A pesquisa levantou a questão entre 2.002 brasileiros de 142 municípios do território nacional. Segundo o estudo, 55% dos brasileiros se revelaram contrários à decisão. No Norte, entre os menos incomodados com o assunto estão mulheres, jovens, pessoas com mais escolaridade e de classes altas. Entre as regiões, Norte, Centro-Oeste e Nordeste se destacam como as áreas do país com mais resistência. Sobre a decisão do STF, 63% dos homens são contra, enquanto apenas 48% das mulheres possuem a mesma opinião.

O coordenador de Livre Opção Sexual da SEJUDH[39], Samuel Sardinha, questiona a pertinência da pesquisa e, para ele, "revelar esses dados pode, inclusive, prejudicar ações de combate à homofobia". Apesar dos avanços da comunidade gay no que diz respeito à garantia dos direitos e ao preconceito, o coordenador do Movimento LGBT[40] do Pará, Beto Paes (2011), diz que o resultado não surpreendeu:

> *"Já era até esperado. Mudar uma cultura é muito difícil, é um processo natural de construção. Mesmo com as melhorias, a luta pelo respeito ainda está engatinhando. As ações de combate ao preconceito que deveriam ser incentivadas pelo governo deveriam começar na escola" (BETO PAES, 2011).*

[37] Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.
[38] Supremo Tribunal Federal.
[39] Secretaria de Justiça e Direitos Humanos.
[40] Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Trasgêneros.

Ao observar o documentário As Filhas da Chiquita, de Priscila Brasil, percebi o esforço da cineasta em fazer uma abordagem geral do assunto, sem enfocar opinião de um grupo e desprezar a do outro. Ela procurou seguir a proposta do gênero "documentário", que se caracteriza como um gênero cinematográfico que possui um compromisso com a exploração da realidade e com uma abordagem mais séria. De acordo com a cineasta, houve o interesse de ouvir a opinião dos que aprovam a Festa da Chiquita e dos que não aceitam a manifestação, dos que são a favor da homossexualidade e dos que não concordam com esta natureza, entre outros aspectos.

Na entrevista realizada com os jornalistas que participavam da cobertura da Chiquita 2011[41], percebi que os jornalistas procuravam fazer um enquadramento de forma independente de interesses editoriais e que, as possíveis interferências são suscetíveis de ocorrer da parte dos editores dos jornais que definem "o que é mais importante" para ser destacado e o que não é. Segundo a jornalista do jornal Diário do Pará, Lorena Montenegro (2011), auxiliar da editora do caderno de cultura temporariamente, por exemplo, não ocorre pressões da diretoria da festa do Círio às editorias dos jornais, influenciando nas reportagens que são feitas pelos jornalistas. *"Inclusive, a festa está na capa do caderno de cultura do jornal de ontem"* (LORENA, 2011). Ao ser questionada sobre o enfoque que daria na reportagem daquela noite, Lorena (2011) informou: "*eu acho relevante enfocar a diversificação social, pois existe o momento religioso e também o profano"*. Questionada quanto aos critérios de escolha de personagens para as suas matérias, ela diz: "*eu observo antes de escolher os personagens, pois o que rende é a diversidade de público. Não procuro passar juízo de valor, mas apenas expor*".

O jornalista do jornal O Liberal, Eduardo Rocha (2011), considerou: "*deveria ter mais veículos de comunicação cobrindo a Chiquita. Até agora eu não vi uma equipe de TV aqui. Só os impressos estão cobrindo*". Segundo ele, a abordagem das matérias "*vai de jornalista para jornalista*".

> *Eu acho que o jornalista não abafa a festa. Ele cobre os fatos. As empresas também têm feito a cobertura. E os jornalistas não enquadram mal. Vai de jornalista para jornalista. O preconceituoso vai derrubar, ver os aspectos mais polêmicos, fazer criticas... Mas eu, por exemplo, e o meu companheiro aqui, o fotógrafo Elielton Modesto, vamos cobrir só os fatos (EDUARDO ROCHA, 2011).*

Eduardo enfatizou que o enfoque que daria naquela matéria seria em relação "*ao tom político*" presenciado por ele naquela noite, visto que estavam presentes naquela

[41] Entrevista realizada no dia 8 de outubro de 2011. Fiquei no local desde o inicio do evento, 22 horas, às 5 da manhã.

ocasião diversas personalidades da política estadual e nacional, que iriam receber homenagens, entre elas, Jean Wyllys, Edmilson Rodrigues e Marinor Brito. Ao entrevistar o deputado Edmilson Rodrigues, Eduardo recebeu a confirmação de sua candidatura à prefeitura de Belém nas eleições de 2012. Essa diferença de enfoque dado pelos jornalistas nas reportagens é conceituada por Silva:

> A análise de enquadramento nos fornece os instrumentos para analisar os padrões de apresentação, seleção, ênfase e exclusão textuais através dos quais os jornalistas organizam o discurso, escolhendo, separando, excluindo ou enfatizando determinados aspectos de uma realidade, desenhando uma angulação específica (SILVA *apud* AITA 2010, p. 5).

Com base nesse autor, percebi, dentro da teoria do enquadramento, as duas visões diferentes de enquadramento dadas pelos jornalistas. Lorena Montenegro deu um direcionamento à sua matéria totalmente diferente do direcionamento concedido pelo jornalista Eduardo Rocha e do jornalista Geraldo Magela (2011), apresentador do programa de TV humorístico Paranoia na TV, cobrindo o evento pelo segundo ano consecutivo:

> "*Por ser um programa de humor, a gente explora mais o lado engraçado da coisa. Num evento religioso eu não posso brincar com a santa, por exemplo, mas aqui eu posso. A gente prefere mostrar o lado profano, engraçado, pois esse é o formato do programa. A gente prefere explorar mais a Festa da Chiquita e o a Auto do Círio, respeitando os homossexuais*" (MAGELA, 2011).

O enfoque dado por essa equipe (única de TV que compareceu ao evento) foi, segundo Magela, a alegria das pessoas, independente da opção sexual, diversidade de cor, crença, sexo, entre outros fatores.

Para "Duda Lacerda" (2011), a primeira travesti a ser coordenadora de uma ONG - a COR[42] - no Estado do Pará, e a produzir a Parada LGBT dentro do Estado, os meios de comunicação ainda "maquiam bastante a festa": "*A festa inicia após a passagem da Santa pela Praça da República e os jornalistas aproveitam o gancho da Trasladação e só colocam a respeito da Chiquita uma nota com poucas linhas*". Essa declaração é um fato concreto de uma situação para a qual Porto (2002) chama atenção: "o enquadramento proporciona a organização do discurso através de seleção, ênfase e exclusão, que de certa forma constroem a interpretação dos acontecimentos".

"Duda" (2011) ainda reforça a teoria de que a mídia não cumpre de fora devida o seu papel, falando que "*a mídia de Belém, muita das vezes, é monopolizada pela Igreja Católica*" e que o enfoque é dado pela mídia apenas aos eventos do Círio "*porque o Círio dá 2 milhões de pessoas, e 'vende' muito mais do que a Festa da Chiquita, apesar da festa*

[42] Cidadania, Orgulho e Respeito.

trazer muito mais turistas para a praça no dia da festa". Na visão de "Duda" (2011), a mídia já está usando personagens gays em novelas, *"mas de uma forma caricata"*. Segundo ela, *"a mídia não mostra o verdadeiro mundo gay, onde existe sofrimento, conflitos e dificuldades de acessar um serviço público"*. Essa prática dos veículos de comunicação relacionada às formas de enquadramento é conceituada por Entman (*apud* Porto, 2002):

> Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida, e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN *apud* PORTO, 2002, p. 82).

Para o deputado Jean Wyllys (2011), a cobertura da imprensa é tendenciosa: "sobre a cobertura das paradas, os jornais procuram mostrar só os travestis ou as coisas ruins, a ousadia desse público, a sexualização do evento, as drogas..., como se não tivesse isso no carnaval" (WYLLYS, 2011). Para a senadora Marinor Brito (2011), há uma carga de preconceito sendo veiculada pela mídia. *"Geralmente a imprensa destaca apenas alguns pontos desse publico esquecendo-se de outros. Tem militantes intelectuais nesse meio que assumem lutas" (MARINOR BRITO, 2011).* Já na visão do deputado Edmilson, a imprensa tem de dar importância à temática LGBT e tratá-la nos editorias com respeito e cautela, pois se um editor preconceituoso emite opinião contrária ou preconceituosa nos artigos e editoriais, acaba formando opinião. De acordo ele, os empresários da comunicação têm obrigação de tratar da temática LGBT com responsabilidade visto que recebem concessões do Estado.

Em 2011, de acordo com observações feitas, percebi pouco ou nenhum destaque dado à Chiquita nas reportagens de TV da capital paraense. Apesar da pouca presença de reportagens sobre a festa também na TV Cultura, e da opinião do diretor da TV sobre a festa, percebi que essa emissora busca seguir sua proposta institucional de TV pública, independente e democrática. A TV Liberal, porém, não produz reportagens sobre o evento. A emissora apenas dá pequenos informes sobre esse assunto todos os anos. Após feita procura de material sobre o assunto nos arquivos da emissora não foi encontrado nada relacionado e recebi a informação de que "a emissora não cobre o evento".

Encaminhei questionário com perguntas sobre a cobertura do Círio e da Chiquita aos editores-chefes Álvaro Borges (TV Liberal) e Tim Penner (TV Cultura). Borges não quis dar entrevista nem dizer por que essa emissora não realiza a cobertura da Festa da Chiquita. Penner, porém, respondeu às perguntas. Sobre o Círio de Nazaré, informou que participa da cobertura desde o ano de 1987, em várias funções. Para o editor, o evento se

reveste de significados. Vai muito além de uma festa religiosa. "*É uma manifestação cultural*".

Segundo Penner (2011), suas impressões sobre o Círio não determinam as pautas do jornalismo da emissora: "*O Círio é obrigação de pauta, da mesma forma que qualquer outro evento, em qualquer lugar no mundo, que envolva dois milhões de pessoas*". A TV Cultura não apenas faz a cobertura, mas o assunto se caracteriza como de máxima importância, bem como as festas secundárias e procissões principais. Ocorre tanto a gravação quanto a cobertura ao vivo. De acordo com Penner (2011), toda manifestação com o porte do Círio de Nazaré deve ser pauta obrigatória em qualquer órgão de imprensa, independente de religião. As reportagens e matérias são feitas para todos os programas, de jornalismo ou produção.

O editor diz que o enfoque da TV Cultura é sempre o de respeito religioso, mas que também há o enfoque cultural. Penner (2011) dá orientação aos jornalistas sobre o tipo de enfoque que deve ser dado à matéria ou reportagem: "*sempre o respeito à religião, seja ela qual for, e ainda à importância do evento como manifestação cultural*", diz. Na opinião de Penner (2011), os efeitos que as reportagens dos telejornais em geral causam nos telespectadores estão relacionados à aquisição de informação de qualidade para enriquecimento do conteúdo cultural de cada um: "i*nformação sempre influencia na construção do caráter e, consequentemente, nas opiniões das pessoas*".

Sobre a Chiquita, Penner (2011) informou que é uma manifestação cultural, porém "*restrita a um público pequeno*". Declarou que sua impressão sobre a festa não influencia na determinação da pauta, que é feita a "*cobertura eventual da Chiquita, sem grande importância, e ela não compete com o Círio na escolha das pautas*". As reportagens e matérias sobre esse assunto são feitas eventualmente, para os noticiários diários. Sobre o número de reportagens e matérias relacionadas a esse assunto feitas em 2006, 2010 e 2011, informou que "*houve poucas, sem muita importância, pois a festa não é um assunto de muito interesse público*". Quanto ao enfoque e o tipo de abordagem, disse que não dá nenhuma orientação aos jornalistas sobre o tipo de enfoque que deve ser dado à matéria ou reportagem. "*Esse tipo de material noticioso não influencia no comportamento, nas opiniões nem nas conversas dos telespectadores*".

Depois de constatado que a TV Liberal faz apenas notas peladas[43] sobre a Chiquita, verifiquei que a TV Cultura, nesses três anos, só fez uma pequena matéria de dois minutos e doze segundos no ano de 2006, antes do dia da Festa. Houve mais duas reportagens abordando a temática naquele mesmo ano, mas ambas focaram o lançamento do documentário "As Filhas da Chiquita", portanto sem relações com a festa propriamente dita. Em 2010 houve mais uma reportagem que citou a Festa e a enquadrou de forma positiva, mas que também não falava de forma específica dela. Possui como enfoque uma exposição do Museu do Círio naquele ano, onde a Festa da Chiquita aparece em meio aos eventos profanos do Círio de Nazaré. Em análise de forma mais geral, constatei que quase não há repercussão da Festa da Chiquita na mídia paraense. Apesar de ser polêmica, não é muito divulgada.

A primeira matéria analisada, de dois minutos e doze segundos, feita antes do dia da festa, em 2006, se inicia apresentando a Chiquita como o lado profano do Círio. A repórter relata como a produção do evento está preocupada com a organização e principalmente com a educação e orientação que seria dada aos participantes da festa naquela ocasião. Este foi o enfoque dado pela jornalista à matéria, em tons positivos. A repórter faz uma passagem[44] expressando alegria ao telespectador. Isso caracteriza uma matéria preocupada em informar os lados positivos da festa. O "enquadramento" feito por esta repórter se caracterizou por destaque de elementos positivos desde a produção à edição de texto e das imagens. Vreese (*apud* ANTUNES, 2009, p. 87) trata disso na sua noção de *frame*, que envolve um modelo integrado entre produção, conteúdos e a perspectiva de uso das mídias. As características positivas enquadradas pela repórter influenciam na forma como as pessoas recebem a notícia. Nessa recepção aparece caracterizado o conceito de *priming*.

Diferente desse enfoque positivo, apesar de não se ter visto equipes de TV na Chiquita 2011 desde o inicio da programação até às 4 horas da manhã, foi veiculada no telejornal da TV Record da segunda-feira seguinte uma reportagem de cunho depreciativo da festa, focando apenas brigas entre participantes. Em virtude do comparecimento durante o fim da Chiquita, percebi que esta equipe não estava preocupada em cobri-la, visto que as principais programações ocorrem logo no início do evento. Em relação a isso, Nelson;

[43] A informação de que a festa não entra na pauta de cobertura da TV Liberal foi dada pelo editor da TV, Álvaro Borges, após fazer busca nos arquivos da TV. Nota Pelada ou Nota Simples é, segundo Rezende (2000), em telejornalismo, uma narração ao vivo, do apresentador, à qual não se seguem imagens.
[44] Presença do repórter na reportagem, em primeiro plano. É realizada no local onde o acontecimento se desenrola e marca a presença do repórter na cobertura.

Willey, (*apud* PORTO, 2002, p. 91) dizem que a mídia realiza enquadramentos temáticos que ela simplesmente relata e outros que ela impõe a partir de hábito organizacional ou demandas de mercado:

> Enquadramentos noticiosos, como o de conflito, surgem a partir da necessidade de atrair audiência através da ênfase em confrontações exageradamente dramáticas [...] Enquadramentos temáticos são descrições de problemas e políticas sociais que influenciam o entendimento do público sobre a origem destes problemas e sobre os critérios mais importantes a partir dos quais soluções propostas devem ser avaliadas (NELSON; WILLEY, *apud* PORTO, 2002, p. 91).

A segunda reportagem, também de 2006, fala sobre a estréia do curta-metragem de Priscila Brasil, e foi exibida dois dias antes da estreia que ocorreu no dia 3 de agosto daquele ano. A repórter diz que apesar de ser considerada parte do Círio pelo IPHAN desde 2004, a festa "*é excomungada por alguns católicos*". Mostra partes do vídeo alternando entre explicações sobre ele e entrevista com Priscila Brasil, que explica o processo de produção. Na exposição do curta de 52 minutos mostra ambos os lados: dos que são contra e a favor da festa e do público LGBT. A profissional enfoca um dos personagens do documentário, Alex, que se transforma em Melquiboa, e consegue conciliar a vida como *drag queen*, como participante da Chiquita no sábado, como um devoto que faz uma novena a Nossa Senhora na sexta e ainda como um participante do Círio no domingo. *"E depois o padre fala que essa mesma pessoa não tem direito ao reino dos céus"*, diz um dos entrevistados.

Durante os 3 minutos e 16 segundos, a repórter enfoca a diversidade retratada por Priscila Brasil e encerra a matéria com caráter de divulgação da pré-estréia do documentário convidando o telespectador a comparecer ao evento. Já o terceiro e último material de 2006 analisado não se trata de uma reportagem, mas de uma entrevista com a cineasta e diretora do As Filhas da Chiquita, e o co-diretor, Vladimir Cunha. O material possui 6 minutos e 41 segundos. É importante perceber como o Círio de Nazaré se torna um evento através do qual se expressa memória, identidade e "lugar social". Percebe-se a intenção de Priscila de mostrar, diante da polêmica da Chiquita como um evento cultural, que ela também é expressão de uma identidade e está ligada à realidade de um povo. Ao produzir um material audiovisual de memória, Priscila enquadrou duas realidades, dois argumentos: dos que aceitam a festa e dos que a desaprovam, dos que acham normal ser gay e dos que condenam essa forma de vida. Como nos mostra Pollak (1989, p. 3-5 *apud* Herschmann e Pereira, 2005, p. 113) "todo processo de produção de memória, seja ele de que natureza for, pressupõe um trabalho de enquadramento, que é também de seleção".

O documentário As Filhas da Chiquita, vencedor dos prêmios Melhor Filme Brasileiro e Melhor Filme na Escolha do Público, retratado por esta reportagem da TV Cultura, é uma mídia. Ou seja, um lugar de memória e/ou de história das sociedades contemporâneas. Ao tratar da temática do documentário, a TV Cultura, como um meio de comunicação, acaba ocupando uma posição institucional que lhe confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social, aceitos como verdadeiros pela sociedade em consenso. A história passa a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação. No jornalismo, através de operações discursivas, se atribui sentido aos fatos da atualidade. Isso é essencial para dar conta de como os meios de comunicação produzem uma idéia de história e como, no mesmo processo, se constroem e se legitimam como lugar social.

Em outra reportagem, de 2 minutos e 51 segundos, novamente percebi a preocupação de destacar a Chiquita de 2010. A reportagem não fala exatamente da Chiquita, mas sobre a exposição do Museu do Círio naquele ano. Esse foi o único material produzido pela emissora sobre a Chiquita em 2010. A repórter expressa imparcialidade e procura falar de forma geral sobre todos os elementos que constituem o Círio de Nazaré. Entre as manifestações profanas do Círio, destaca a Festa da Chiquita, mostrando ao fundo painéis com frases como: "protegei-nos da homofobia". A repórter enquadrou elementos operando em níveis cognitivos[45] (oferecidos através das imagens e entrevistas) e textuais (as frases ao fundo), em consonância com o que diz Scheufele (2006, p. 66) *apud* Antunes (2009, p. 87):

> Em termos de análise, os *frames* operam em níveis cognitivos e textuais ou como padrões de discurso que aparecem em uma condição pública. Nesse sentido, os investigadores percebem os enquadramentos (1) como um complexo cognitivo de esquemas de assuntos relacionados para diferentes aspectos da realidade, (2) estabelecidos no discurso público, político ou entre mídias, e (3) como uma estrutura textual de mensagens tais como em *press releases* e artigos de jornal (SCHEUFELE, 2006, p. 66, *apud* ANTUNES, 2009, p. 87).

6 – Considerações finais

Embora a Festa da Chiquita seja classificada como uma pauta secundária[46] pela direção de jornalismo da TV Cultura, não significa que seja menos importante, já que foi tombada como patrimônio histórico cultural, e sendo um evento cultural, merece a mesma atenção e destaque. A própria TV Cultura reconhece essa importância no cenário cultural,

[45] Em níveis de conhecimento, percepção.
[46] Podem ser classificados como pauta secundária os assuntos que ficam em segundo lugar no conjunto de critérios estabelecidos pelo editor-chefe. Os critérios são baseados em grau de importância dos assuntos, estabelecidos pela editoria dos jornais.

mas não a classifica como maior que o Círio. Durante a pesquisa percebi intenções de valorização e respeito à cultura e acompanhei a proposta dessa TV, de pautar todo e qualquer evento cultural sem distinção, mas para o atual diretor da TV, Tim Penner, de acordo com seu critério de grau de importância, a Chiquita não é de interesse público, caracterizando-se como uma pauta secundária.

Mesmo sendo secundária, entre as poucas reportagens que vi nos três anos estudados, percebi uma proposta de enquadramento positiva, levando-se em consideração vários aspectos da festa. Conforme Adreas Huyssen:

> O passado tornou-se uma referência fundamental para a cultura contemporânea: com a crise da modernidade, o foco do debate teria se deslocado do futuro para o passado [...] as sociedades contemporâneas parecem investir no passado, na sua 'presentificação' (ADREAS HUYSSEN *apud* HERSCHMANN e PEREIRA, 2005, p. 9).

De acordo com pressupostos dos autores, na contemporaneidade as TVs Cultura e Liberal emergem como espaços de produção e de experimentação da memória e do biográfico. Nesse sentido, o contexto do Círio faz menção a um fato histórico: quando o caboclo Plácido achou a pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré, em 1700, e foca-se todas as câmeras para uma figura que se torna o centro das atenções durante o mês de outubro: Nossa Senhora de Nazaré. Da mesma forma, a Chiquita aparece como um evento que remete a fatos históricos como os de conquistas do público LGBT, e destaca-se, quando falamos dela, figuras ilustres que lutam em favor da causa LGBT.

Nas duas TVs, circuitos mediáticos de produção e consumo, se constroem interpretações do passado e do presente que disputam hegemonia. Com base nos autores, o enunciado jornalístico e as narrativas e representações veiculadas na mídia vêm ganhando terreno e são elas as principais referências na determinação do que é relevante, do que é "fato histórico" e do que deve ser lembrado pelas sociedades. A mídia aparece como um dos principais lugares de memória do mundo contemporâneo (HERSCHMANN e PEREIRA, 2005) e, tanto o Círio quanto a Chiquita (quando ela aparece na mídia), são enquadrados como eventos de memória pelos jornalistas.

O Círio de Nazaré, transformado em destaque durante o mês de outubro pela mídia em Belém, cria uma força de propagação na cobertura de episódios similares ou relacionados ao evento. A Festa da Chiquita, porém, aparece na mídia de uma forma muito discreta. Na maioria das vezes, apenas como registro de evento cultural. A partir desta percepção, infiro que no mês de outubro, quando a maioria das notícias é sobre o Círio, as TVs noticiam aquilo que a grande maioria (os católicos) quer ver. Neste caso, apenas

notícias da festa religiosa e não da profana. O Dieese faz estudo estatístico apenas dos eventos considerados como oficiais pela Diretoria do Círio e desconsidera a Festa da Chiquita. Em virtude do público do Círio ser maior, do propósito de evitar conflitos com a Igreja Católica e dos critérios de noticiabilidade das redações, para o qual o menor público pouco interessa, por razões comerciais, direciona-se as abordagens para o interesse dos católicos (o caráter religioso) e para o caráter de memória do Círio (HERSCHMANN e PEREIRA, 2005).

Percebi que as matérias pouco abordam o assunto e o contexto histórico social da classe LGBT, e vi a intenção de evitar conflitos com a Igreja Católica que, por sua vez, abomina a homossexualidade. Na opinião de alguns entrevistados da Chiquita 2011, as TVs aqui estudadas enquadram aspectos negativos da festa:

> Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida, e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN *apud* PORTO, 2002, p. 82).

Em 2011 percebi pouco ou nenhum destaque dado à festa nas reportagens de TV da capital paraense. Constatei apenas uma pequena reportagem feita pela Rede Record, sobre as confusões que ocorreram na noite do evento, envolvendo participantes da festa. Apesar de poucas reportagens também na TV Cultura, e da opinião do diretor da TV sobre a Chiquita, percebi que essa emissora busca seguir sua proposta institucional de TV pública, independente e democrática. A TV Liberal, porém, não produz reportagens sobre a Chiquita. A emissora apenas dá pequenos informes (nota pelada) sobre esse assunto todos os anos, segundo informações da própria editoria.

Na Chiquita 2011 percebi a diferença de enfoque dada pelos jornalistas presentes na cobertura, às suas reportagens. Uns revelaram que dariam enfoque político enquanto outros defenderam a valorização da diversidade presente naquele local. Sobre essa diferença de enfoque, Silva diz:

> A análise de enquadramento nos fornece os instrumentos para analisar os padrões de apresentação, seleção, ênfase e exclusão textuais através dos quais os jornalistas organizam o discurso, escolhendo, separando, excluindo ou enfatizando determinados aspectos de uma realidade, desenhando uma angulação específica (SILVA *apud* AITA 2010, p. 5).

Esta pesquisa define que a Chiquita é tratada distintamente pelas emissoras e que a pauta é enquadrada conforme interesses momentâneos (políticos, etc). Não é uma pauta que determina o conceito cultural do evento. Mesmo sendo um evento definido pelo IPHAN

como patrimônio imaterial do Círio, a Chiquita aparece como um assunto pouco abordado pela mídia, enquanto que, para os organizadores, o evento deveria ter um destaque maior na mídia.

7 – Referências

AITA, Priscila Aparecida. **Olimpiadas de 2016 na Revista Veja: um estudo da teoria do enquadramento**. São Paulo, 2010. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 4 – Edição 1. Setembro-Novembro de 2010.

ANTUNES, Elton. **Enquadramento: considerações em torno das perspectivas temporais para a noticia**. Revista Galáxia, São Paulo, nº 18, p. 85-99, dezembro de 2009.

BRASIL, Priscila. **As Filhas da Chiquita**. Belém: Green Vision, 2004. DVD-R.

BANTIMAROUDIS, P.; KAMPANELLOU, E. (2007) **"The Cultural Framing Hypothesis: Attributes of Cultural Alliances and Conflicts"** *The Havard International Journal of Press/Pollitics*, 12 (2), p. 80-90.

CAMPOS, Lenildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

DE VREESE, Claes H. (2005) **"News Framing: Theory and typology"**. *Information Design Journal*, v. 13, nº 1, p. 51-62.

DRUCKMAN, J. (2001) **"On the limits of *framing* effecets: who can frame?**" *The Journal of Politics*, 63 (4), p. 1041-1066.

ENTMAN, R. B. (1993) **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm.** *Journal of Comunication*, v. 43, nº 4, p. 51-58.

FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicação e Jornalismo. "A saga dos cães perdidos"**. 2ª Edição, São Paulo: Hacker Editores, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005. 2ª edição 226 p.

IPHAN, Dossiê – Círio de Nazaré. Belém, 2004.

KAHWAGE, Cláudia; RUGGERI, Sandro (organizadores). **Imagem e pesquisa na Amazônia: ferramentas de compreensão da realidade**. Belém: Alves Gráfica e Editora, 2007, 224 p.

LEAL, Plínio Marcos Volponi (2007), **Jornalismo Politico Brasileiro e a Análise do Enquadramento Noticioso**. *Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Politica*

(COMPOLITICA), novembro de 2007. Consultada a versão eletrônica disponível na Internet: <http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_jp-plinio.pdf>. Acessado em 01/11/ 2011.

LOPES, José Rogério (2010), **"Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica"**. *Scielo Brasil*, jun. 2011. Consultada a versão eletrônica disponível na Internet: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872011000100007&script=sci_arttext>. Acessado em 15/11/ 2011.

McqUAIL, D. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2ª Edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA JR., Luiz C.P. **A fábula dos três repórteres**. São Paulo: Anuário de Jornalismo da Cásper Líbero, 2002.

PORTO, M. P. **Enquadramentos da mídia e política.** Anais do 26º Encontro anual ANPOCS. Caxambú, 22 a 26 set. 2002.

PORTO, M. P. "**Enquadramentos da mídia e política"**. In: RUBIM, A. A. C. *Comunicação e política. Conceitos e abordagens.* Salvador: Edufba, 2004.

REZENDE, Guilherme J. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.

SCHEUFELE**,** Bertram A. (2006) **"Frames, schemata, and news reporting"**. *Communications*, v. 31, n. 1, p. 65-83.

SCHEUFELE**,** Dietram A. (1999) **"Framing is a teory of media effects"**. *Journal of Communication*, New York, v. 49, n1. p. 103-120.

SOUZA, Jéssica. (2008), **"Manifestações profanas dividem espaço no calendário"**. *Jornal da Universidade Federal do Pará*, nº 65, out. 2008. Consultada a versão eletrônica disponível na Internet: <http://www.ufpa.br/beiradorio/arquivo/beira65/noticias/rep9.html>. Acessado em 20/10/ 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo, 2005.

TUCHMAN, Gaye (1978) "Making news. A study in the construction of reality". *New York: The Free Press.*

VAN GORP, Baldwin (2005) "Where is the Frame? Victims and Intruders in the Belgian Press Coverage of the Asylum Issure". *European Jounal of Communication*, v. 20, nº 4, p. 484-507.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEAVER, D. H. (2006) **"Thoughts on Agenda setting, Framing, and Priming"**. *Journal of Communication*, 57 (1), p. 142-147.

ZANETTI, Daniela. (2008), **"O *framing* e o processo de construção da noticia**". Revista PJ: Br Jornalismo Brasileiro – publicação acadêmica sobre jornalismo e comunicação, nº 10, julho de 2008. Consultada a versão eletrônica disponível na Internet: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos10_a.htm>. Acessado em 20/10/2011.